

Econ. Brasil

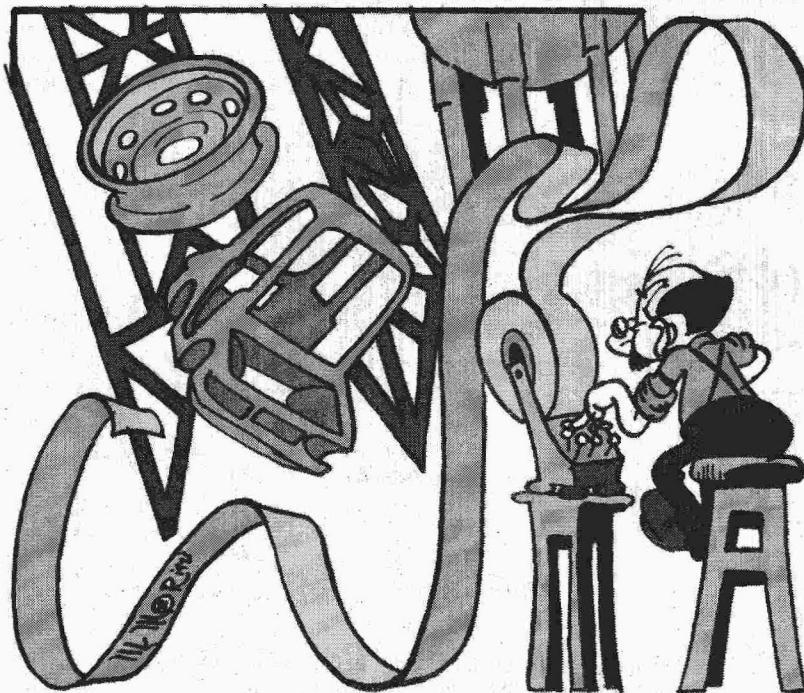
Previ começa a avaliar ativos do aço

Fundação escolhe Santander e Chase para rever suas participações na siderurgia

Vera Saavedra Durão
do Rio

ACaixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ) deu o primeiro passo para a reestruturação de suas participações no setor siderúrgico brasileiro, no qual é maior investidora. Na sexta-feira, os bancos Santander Investment e Chase Manhattan Bank e suas consultorias Projeta e World Invest foram selecionados pela fundação para fazer o trabalho de avaliação, que deverá estar concluído nos próximos 60 dias. Ao escolher o Santander e o Chase, que disputaram o a seleção com o ING Bank e o ABN Amro, a Previ levou em conta o fato de os métodos de análise dessas instituições serem complementares, o que traz maior segurança para a tomada de decisões, segundo sua assessoria.

O escopo do trabalho, que começa a ser tocado esta semana, é reorganizar e melhor alocar as participações da Previ, que direta e indiretamente está presente em todas as empresas do setor de aços planos do País e em súinas de não-planos, como a Belgo-Mineira e Aços Villares. O fundo de pensão tem participação direta na Acesita (23,93% de capital votante e 18,85% de preferenciais), na Belgo Mineira (5,96% de votante e 17,27% de preferenciais), na Companhia Siderúrgica Nacional-CSN (10,54% do capital total, formado só de ações ordinárias) e na Usiminas (15% de votante e 1,34% de preferenciais). Indirectamente, através da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), o fundo de pensão tem 3% de ordinárias na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Mas



também tem participação indireta via Acesita, que tem 41,91% do capital total da siderúrgica capixaba.

Fontes envolvidas no negócio, adiantam que o novo modelo de participação da Previ no setor siderúrgico poderá ser desenhado a partir de trocas de suas participações com seus parceiros da área siderúrgica. "A Previ terá um modelo e, a partir daí, vai negociar com os sócios. Não haverá necessariamente uma redução da presença do fundo de pensão nas empresas do setor do aço,

a partir da venda de ações a outras companhias, como espera o mercado", advertiu a fonte. A conclusão desse processo, tocado pelo bancos

Novo modelo de participação poderá ser desenhado a partir de trocas com parceiros

Santaré e Chase, vai definir quais serão os grupos de peso na indústria de aço do País.

O analista senior do Citibank, Werner Müller Roger, avalia que a reestruturação das participações da Previ resultará na venda de algumas de suas associações no setor siderúrgico, produzindo mudanças importantes na área do aço nacional. Roger, ao con-

trário de outros especialistas, acredita que, neste processo, a Previ poderá abrir mão de suas participações na Acesita, na Usiminas ou na CSN.

A Previ poderá vender sua parte na Acesita, como já vem sendo noticiado, para empresas estrangeiras, sem com isso gerar concorrentes futuros. "A Acesita é uma empresa de aço inox que não tem sinergia com nenhuma outra nacional. Além disso, a Acesita tem uma dívida de US\$ 1,2 bilhão. Se seu grande trunfo é a participação majoritária na CST, os fundos que a controlam poderão se desfazer desta participação antes de passá-la para a francesa Usinor-Sacilor ou ao grupo alemão Thyssen-Krupp", argumentou. A CSN e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) "estão de olho" mesmo é na participação da CST que está em poder da Acesita, lembrou o analista senior do Citi.

Roger destaca que a Previ é acionista comum da Usiminas e da CSN, gerando um conflito estratégico. "Cria constrangimento o fato de a Previ ser sócia comum das duas maiores siderúrgicas do País, participando de reuniões de conselho onde são levantadas questões estratégicas de negócios. Mais cedo ou mais tarde terá de escolher de que lado vai ficar. Se isso ocorrer, acredito que optará pela CSN, dado seus interesses na Vale do Rio Doce, onde participa com 27,8% na Valepar. "Neste caso, não há dúvida de que o grupo Votorantim se candidataria para comprar a parte da Previ na Usiminas. Recentemente, Antonio Ermírio comprou os 7,3% de empregados, bancos e tradings", observou o analista.